

O que vem depois da aids? Os discursos em torno do *barebacking sex* no Brasil e nos EUA.

Resenha de: PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de. *Barebacking sex: a roleta russa da AIDS? Sexualidade, sexo e risco na mídia impressa e na Internet*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

Caio Cerqueira² e Gilberto Rios³

A epidemia da aids não deve ser apenas lembrada como o mal do século ou o câncer dos homossexuais, mas, acima de tudo, como veículo elaborador de discursos, verdades e práticas sociais. Há mais de quarenta anos, após a divulgação do primeiro caso da doença, o debate em torno do vírus, que fez uma geração viver o luto de perdas significativas, ainda é tão polêmico e faz barulho como nos idos dos anos 1980, sobretudo quando temos práticas sexuais que subvertem as normas reguladoras criadas pelo pânico social vivido pela sociedade nos últimos trinta anos, pondo “em risco”, o bem comum. Em *Barebacking Sex: a roleta russa da aids?*, livro de Paulo Sergio Rodrigues de Paula⁴, publicado pela editora Multifoco em 2010, o autor explora os discursos acadêmicos, médicos,

2 Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Contato: caiofcerqueira@gmail.com

3 Graduando em Comunicação – Habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Contato: gilberto.rios13@gmail.com

4 Doutorando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

estatais, midiáticos e civis em torno do sexo sem uso de preservativo (o sexo *bareback*), com objetivo de evidenciar o caráter regulador imposto por essas vozes no Brasil e nos EUA.

O termo *bareback* foi criado por caubóis estadunidenses e significa montar em cavalos, ou bois, sem a sela, ou seja, diretamente no pelo do animal. No mundo das práticas sexuais dissidentes, a expressão ganhou novos contornos que fazem analogia ao seu sentido contextual e se referem à prática sexual sem o uso consentido de preservativo. Ademais, a ausência da camisinha não pode descrever e explicar os sentidos expressos na prática. Há, no lastro dessa prática sexual, a erotização do risco de contaminação por HIV, e é essa a possibilidade aberta desde o não uso do ‘plástico protetor’, que dá sentido e evidencia as formas de desejo dissidentes (SILVA, 2010).

Não é preciso muito esforço para se compreenderem os efeitos da publicização de tal prática⁵, tendo em vista o contexto criado e reelaborado pela epidemia que levou a óbito milhares de pessoas nas últimas décadas. Os efeitos morais da aids determinaram a criação de práticas, normas e regimentos – verdadeiros manuais de conduta para as práticas sexuais. Romper com alguns desses imperativos soa como um atentado a todos os corpos dispostos nas relações sociais.

No diálogo com os principais temas abordados por Foucault e com um rico material analítico, Sergio Rodrigues produziu uma instigante

5 Pensado em 1997, o termo *bareback sex* surge no artigo “*My Turn: Riding Bareback*”, de Stephen Gerdin, veiculado na revista americana POZ Magazine, destinada a gays soropositivos. Encontrando adeptos de todas as orientações sexuais, o sexo sem preservativo é um assunto que, cada vez mais, interessa aos meios de comunicação e pesquisadores, embora ainda haja muitas controvérsias.

análise da prática *barebacking* e seus desdobramentos político-sociais. Os *caminhos percorridos*⁶ pelo autor são desenhados a partir de uma metodologia multivariada que incorpora revistas como a *Veja*, *Isto É* e *Época*, além dos veículos populares *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*. Também foram pesquisados artigos acadêmicos, *sites* institucionais, *blogs*, *videologs* e *weblogs*.

É no movimento entre as falas dos *barebackers* com os demais discursos acerca da prática que o pesquisador denuncia a forma como os diversos dispositivos sociais criam e/ou reforçam verdades sobre o tema, retratado majoritariamente como algo negativo, anormal, doentio. Nesse movimento, interpela o conteúdo dessas falas e instiga a reflexão não apenas sobre o tema, mas sobre onde se situa o emaranhado de poderes sobre a sexualidade, contribuindo para a desmistificação de abordagens midiáticas e acadêmicas que permeiam a área. Dividido em cinco capítulos, o livro é resultado de sua dissertação de mestrado e se baseia principalmente nas ideias de Michel Foucault, com um forte diálogo com os principais temas propostos pelo intelectual francês.

Em *Cronologia da Epidemia*, segundo capítulo da obra, Paulo traça a história do contágio da aids nos EUA e no Brasil. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA ou, mais vulgarmente, AIDS devido ao termo inglês) foi detectada principalmente em homens adultos que se identificavam como homossexuais. Aqui a aids opera sua primeira produção no âmbito do simbólico, qual seja a associação da doença a um grupo de indivíduos. Desse modo, não tardou para que a imprensa relacionasse a doença algo inerente à prática homossexual. Logo,

6 Capítulo terceiro da obra.

a medicina, através da concepção de “grupo de risco”, reforçou o pensamento midiático, conferindo à homossexualidade o estigma de principal alvo da doença.

Adepto do pensamento de que a mídia produz homogeneidade a partir de heterogeneidade, o autor concordar que a aids é a primeira doença da mídia devido ao grande volume de notícias nos veículos. Sérgio Rodrigues dividiu os discursos em quatro categorias: o discurso acadêmico, o discurso da mídia, o discurso do leigo e o discurso do praticante.

A primeira categoria é produzida por pesquisadores em universidades e centros de pesquisa que, em geral, buscam saber quais os motivos de se praticar sexo *bareback*. Embora focadas sempre em sujeitos homossexuais, internet, alto risco de infecção pelo vírus HIV e prevenção, as pesquisas realizadas no Brasil e EUA diferem no modo de análise. Os brasileiros continuam considerando o *barebacker* como portador de doença psíquica. O sexo sem preservativo é visto como problema de saúde pública, os sujeitos são os únicos culpados pela infecção (sem considerar as estratégias de prevenção) e a internet não tem nenhuma utilidade além de um espaço para buscar conteúdo para as pesquisas. No discurso midiático, o que mais chama a atenção é a forma como o *bareback* é retratada: negativamente. Embora na maioria das vezes esteja ligada à homossexualidade, é sempre presente a afirmação do sujeito praticante tido como alguém que tem problema psicossociais.

O autor constata que, no Brasil, todos esses lugares de fala predominantemente reforçam a concepção do *barebacker* como alguém dotado de problemas neurológicos, psicológicos ou psiquiátricos. Esse

parecer está presente desde o leigo que frequenta a internet ao médico, jurista e até mesmo ao líder evangélico por meio *on-line* ou, mais frequentemente nos veículos midiáticos, que tendem a pautar o tema de forma sensacionalista e sempre ancorado pela incontestável figura do especialista. Uma das discussões postas mais interessantes é quando se analisa a prática pelo âmbito legislativo e se mostram os discursos que tentam expor o *barebacker* como um criminoso, contribuindo para o enquadramento desse sujeito como um “doente moral”.

No último capítulo, intitulado *Sobre o Risco*, o autor resgata o conceito de risco das ciências sociais e da saúde para situar o praticante do sexo *bareback*. Para a primeira área de estudo, Sérgio Rodrigues expõe ideias que o apontam como uma escolha individual frente à probabilidade do erro. Mas ele também contextualiza o risco como algo “imaneente à convivência individual e social”. Sob o prisma dos estudos em saúde, o pesquisador ressalta a necessidade de avalia-lo a partir da multiplicidade de fatores, como os contextos cultural, educacional, moral, político e econômico frente à magnitude do perigo, à probabilidade de ocorrência e à extensão e vulnerabilidade da população e de territórios afetados. Dessa forma, denuncia a leviandade com a qual o atual material acadêmico e midiático tem individualizado a culpa do praticante de *bareback*, sem pensar no contexto em que ele se insere.

Os discursos em torno da prática do *barebacking* fazem parte de um emaranhado responsável pela produção de pânicos sociais. A política simbólica dos temores sociais (pânicos morais) se dá por meio da substituição, ou seja, os empreendedores da moralidade devem encontrar meios de criminalizar determinada coisa, pessoa ou situação,

pondo em destaque outra. Os pânicos sócio-morais expressam lutas de poder entre grupos sociais, valores e normas, pois os pânicos nunca são espontâneos. São produtos da catalisação de temores sociais já existentes na coletividade (Cerqueira & Campos, 2012).

Os dissensos discursivos que trazem à baila o *barebacking sex* são elementos que compõem trajetórias de vida que na trama do sexo desprotegido fazem ruir a dinâmica dominante das ordens sociais. Criam fissuras nessas ordens sociais legitimadas pelos agentes de voz, através da busca excessiva do prazer. Há em tudo isso o paradoxal clamor pela vida, mesmo com esta em jogo, como em uma roleta-russa. A contribuição de Sergio Rodrigues segue em diversas direções, mas, principalmente por colocar em discussão elementos de uma trama “cheia de riscos”, onde se transborda ditos e produz fazeres.

Referências Bibliográficas

CERQUEIRA, CAIO; CAMPOS, LEONARDO. Terror social? A polêmica proibição de “Terror sem limites” e os discursos proibitivos. In: DE PAULA, P. S. R. (Org.). O tabu em cena: pedofilia no cinema, diferentes olhares? (no prelo). Rio de Janeiro/RJ: Fabrica de Livros, 2012.

DE PAULA, Paulo Sergio Rodrigues. Barebacking sex: a roleta russa da aids? Sexualidade, sexo e risco na mídia impressa e na Internet. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Editora da UNICAMP: Campinas, 1990.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos. Prazer sem camisinha: novos posicionamentos em redes de interação online. Cadernos Pagu nº. 35. Campinas, dezembro de 2010.

Resenha recebida em: 02/10/2012

Resenha aceita para publicação em: 30/01/2013